

A primeira vez que vi o Neal foi pouco depois da morte do meu pai... eu estava a recuperar duma doença grave de que não me vou pôr aqui a falar a não ser para dizer que de alguma forma teve que ver com o meu pai morrer e a sensação horrível de que tudo estava morto. Quando o Neal apareceu, começou realmente para mim aquela parte da minha vida a que se pode chamar a minha vida na estrada. Antes disso, tinha o sonho de longa data de viajar para o oeste, de conhecer o país, sempre com planos vagos e sem nunca partir concretamente nem nada. O Neal é o tipo ideal para a estrada porque até nasceu na estrada, quando os pais iam a passar por Salt Lake City num chação velho a caminho de Los Angeles em 1926. As primeiras notícias que tive do Neal chegaram-me pelo Hal Chase, que me mostrou algumas cartas dele escritas num reformatório do Colorado. Fiquei bestialmente curioso com aquelas cartas porque ele pedia com imensa delicadeza e inocência ao Hal para lhe ensinar tudo acerca de Nietzsche e de todos os assuntos intelectuais admiráveis de que o Hal tinha justamente fama de sabedor. A certa altura, eu e o Allen Ginsberg discutimos aquelas cartas e pensamos se alguma vez chegaríamos a conhecer o estranho Neal Cassady. Tudo isto data de tempos recuados, quando o Neal não era como é agora, na altura em que era um miúdo delinquente envolto em mistério. Então soubemos da novidade de que o Neal tinha saído do reformatório e vinha a Nova Iorque pela primeira vez; e também se dizia que estava casado de fresco com uma miúda de 16 anos chamada Louanne. Um dia, andava eu a vaguear pelo campus de Columbia, quando o Hal e o Ed White me contaram que o Neal já tinha chegado e estava a viver num apartamento sem água quente dum tipo chamado Bob Malkin em East Harlem, o Harlem hispânico. Tinha chegado na noite anterior, pela primeira vez em Nova Iorque, com a sua miúda gira e pequenina e espevitada Louanne; mal saíram do autocarro da Greyhound na 50th Street, dobraram a esquina à procura dum sítio para comer e entraram decididos no Hector's, e desde então a cafetaria Hector's nunca mais deixou de ser para o Neal um símbolo importante de Nova Iorque. Gastaram dinheiro em belos e lindos bolos de açúcar cristalizado e sonhos com creme. E todo o tempo o Neal dizia à Louanne coisas do tipo: "Pronto, querida, cá estamos nós em Nova Iorque e embora não te tenha explicado tudo em que estava a pensar quando atravessávamos o Missouri sobretudo no momento em que passávamos pelo reformatório de Bonneville que me recordou o meu problema prisional é absolutamente imperativo adiarmos agora todas aquelas coisas pendentes relacionadas

com as nossas questões amorosas e começar imediatamente a traçar especificamente planos de vida e trabalho...” e assim por diante à maneira muito própria desses seus primeiros tempos. Fui ao tal apartamento sem água quente com a malta e o Neal apareceu à porta em calções. Vimos a Louanne a saltar rapidamente para fora da cama, o que dava a impressão de que ele tinha estado a fornicar com ela. Era uma coisa que fazia constantemente. O outro tipo que era o dono do sítio, o Bob Malkin, também lá estava, mas parece que o Neal o tinha despachado para a cozinha, talvez para fazer café enquanto ele prosseguia com os seus afazeres amorosos...porque para ele o sexo era a única e absoluta coisa sagrada e importante da vida, embora tivesse de suar as estopinhas e mourejar para ganhar a vida e assim. A primeira impressão que tive do Neal foi a dum Gene Autry quando jovem¹---em boa forma, de ancas estreitas, olhos azuis, com o sotaque genuíno do Oklahoma. Na realidade, vinha dum último trabalho num rancho, o de Ed Wall no Colorado, precisamente antes de casar com a L. e de vir para o Leste. A Louanne era uma pequena muito doce e linda, mas tremendamente estúpida e capaz de fazer coisas horríveis como veio a demonstrar pouco depois. Só refiro este primeiro encontro com o Neal por causa do que ele fez. Nessa noite, todos bebemos cerveja e eu embebedei-me e larguei umas lérias, dormi no outro sofá e de manhã, quando estávamos para ali sentados feitos parvos a fumar beatas dos cinzeiros à luz pardacenta dum dia sombrio, o Neal pôs-se de pé nervosamente, deu alguns passos a reflectir e resolveu que o melhor a fazer era mandar a Louanne preparar o pequeno-almoço e varrer o chão. Depois fui-me embora. Foi tudo o que fiquei a saber do Neal para começar. Na semana seguinte, porém, ele confiou ao Hal Chase que tinha imperiosamente de aprender a escrever com ele; o Hal disse que eu era escritor e que ele devia ir ter comigo para se aconselhar. Entretanto, o Neal arranjou um emprego num parque de estacionamento, brigou no apartamento deles de Hoboken e sabe Deus porque foram para lá e ela ficou tão zangada e com uma sede de vingança tão profunda que o denunciou à polícia, uma queixa falsa que ela fabricou na sua histeria e loucura e o Neal teve de pirar-se de Hoboken. Por isso não tinha onde morar. Marchou directo para o Ozone Park, onde eu vivia com a minha mãe e, uma noite em que eu estava a trabalhar no meu livro ou no meu quadro ou como lhe queiram chamar, ouvi baterem à porta e lá estava o Neal a fazer vénias, salamaleques servis no escuro do corredor e a dizer: “Viva, lembrás-te de mim... Neal Cassidy? Vim pedir-te para me mostrares como é que se escreve.” “E

onde pára a Louanne?”, perguntei, e o Neal disse que ela se devia ter vendido para juntar uns trocos ou qualquer coisa assim e tinha voltado para Denver... “a puta!” Portanto saímos para beber umas cervejas porque não podíamos falar como queríamos à frente da minha mãe, que estava sentada na sala a ler o jornal. Bastou-lhe olhar uma vez para o Neal para se convencer de que era doido. No bar virei-me para o Neal: “Porra, pá, sei muito bem que não vieste ter comigo só por queres tornar-te escritor e afinal o que percebo eu disse além de ser uma coisa a que nos temos de agarrar com a energia dum viciado em benzedrina!” e ele, “Pois claro, entendendo perfeitamente o que queres dizer e na verdade todas essas questões já me vieram ao espírito mas o que eu procuro é a realização daqueles factores que se nos formos a fiar na dicotomia de Schopenhauer para aceder a qualquer percepção interior...” e assim por diante, coisas de que eu não percebia patavina e ele também não, e o que eu quero dizer é que naqueles tempos ele não sabia mesmo do que estava a falar, ou seja, era um miúdo que tinha estado na choldra completamente obcecado com todas as possibilidades fantásticas de se tornar um verdadeiro intelectual e gostava de falar no tom e nas mesmas palavras mas a meter os pés pelas mãos do que tinha ouvido aos “intelectuais a sério” ainda que a bem da verdade não fosse nada ingénuo nas outras coisas e lhe bastassem uns poucos meses com o Leon Levinsky para ficar completamente por dentro de todos os termos e da gíria e do estilo da intelectualidade. De qualquer forma, eu adorei a sua loucura e embebedámo-nos juntos no bar Linden por trás da minha casa e eu deixei-o ficar por lá até que arranjasse um emprego e ainda combinámos que um dia havíamos de ir ao oeste. Isto passou-se no Inverno de 1947. Pouco depois de conhecer o Neal, comecei a escrever ou pintar a minha coisa imensa sobre a cidade e o campo, e ia em quatro capítulos certa noite quando o Neal jantou lá em casa, e já tinha um novo emprego num parque de Nova Iorque, o estacionamento do hotel NYorker na 34th Street, e inclinou-se sobre o meu ombro comigo embalado a escrever à máquina e disse: “Anda lá, pá, as miúdas não esperam, vê se te despachas”, ao que eu respondi: “Aguenta só um bocado, vou contigo assim que acabar este capítulo”, e assim fiz e ficou um dos melhores capítulos do livro. A seguir vesti-me e lá corremos para Nova Iorque para ir ter com umas miúdas. Como se sabe demora uma hora para ir do Ozone Park para Nova Iorque de autocarro e de metro, e enquanto íamos no primeiro a pairar sobre os telhados de Brooklyn encostávamos um ao outro a gesticular com os dedos, a gritar e a conversar ani-

madamente, e eu começava a ficar com bichos-carpinteiros como o Neal. Ao fim e ao cabo, o Neal era simplesmente alguém tremendamente entusiasmado com a vida, e embora fosse um vigarista só vigarizava porque tinha uma enorme vontade de viver e relacionar-se com pessoas que de outro modo não lhe ligariam nenhuma. Pode-se dizer que também a mim me contava o conto do vigário e eu sabia e ele sabia que eu sabia (é nisto que se funda a nossa cumplicidade) mas não me importava e dávamo-nos muito bem. Comecei a aprender com ele, tanto como ele provavelmente aprendeu comigo. Em relação ao meu trabalho ele dizia: “Toca prà frente, tudo o que fazes é fantástico.” Lá fomos a Nova Iorque, não me lembro qual era a cena, duas miúdas--não havia lá miúdas nenhuma, tinham ficado de ir ter com ele ou um esquema assim mas não apareceram. Fomos ao parque de estacionamento onde ele trabalhava porque tinha umas coisas a fazer lá--mudar de roupa na barraca das traseiras, produzir-se um pouco diante dum espelho rachado, etc., e depois arrancámos. E foi nessa noite que o Neal conheceu o Leon Levinsky. Aconteceu uma coisa impressionante quando o Neal conheceu o Leon Levinsky...quero dizer evidentemente o Allen Ginsberg. Os dois espíritos brilhantes que ambos são afeiçoaram-se um ao outro instantaneamente. Dois olhos penetrantes entreviram dois olhos penetrantes: o vigarista santo e o grande vigarista poético melancólico que é o Allen Ginsberg. Daí em diante quase deixei de pôr a vista em cima do Neal, não sem que isso me causasse algum desgosto. As suas energias sintonizaram logo. Eu era um lorpa comparado com eles, não conseguia acompanhá-los. Todo o turbilhão absolutamente louco do que estava para acontecer começou então e havia de embrulhar todos os meus amigos e tudo o que me restava da família numa enorme nuvem de poeira sobre a Noite Americana--falavam do Burroughs, do Hunkey, da Vicki, ...o Burroughs no Texas, o Hunkey em River’s Island, a Vicki na altura enrolada com o Norman Schnall...e o Neal contava ao Allen sobre gente do oeste como o Jim Holmes, o marreco que era um tubarão das jogatanas de bilhar e de cartas e um santo do outro mundo...falava-lhe do Bill Tomson e do Al Hinkle, os seus amigos de infância, companheiros de rua... precipitavam-se pela rua fora, a topar a cena toda naquela onda que tinham de início e que agora se tornou mais triste e perspicaz, mas nessa altura dançavam pelas ruas fora, febris marionetas, e eu trotava atrás deles, como toda a vida fiz atrás de pessoas que me interessam, porque só me interessam as pessoas doidas, que estão doidas por viver, por falar, desejosas de tudo ao mesmo tempo e nunca bocejam nem di-

zem nada banal.. mas que ardem, ardem, ardem como fogos-de-artifício riscando a noite. O Allen nesse tempo era bastante queer, a experimentar consigo próprio até à exaustão, e o Neal percebeu isso, e como ele próprio tinha sido um miúdo de biscates e engates lá em Denver, e queria imenso aprender a escrever poesia como o Allen, pôs-se logo a atacar o Allen com uma grande alma amorosa como só um vigarista poderia. Eu estava na sala com eles, ouvia-os a riscar o escuro e cogitei comigo e disse: “Hum, começou aqui qualquer coisa mas eu não quero ter nada que ver com isso.” Pelo que não os vi durante cerca de duas semanas e durante esse tempo foram cimentando a sua relação até atingir proporções descomunais. Depois chegou a grande altura para viajar, a Primavera, e toda a gente do grupo disperso se preparava para fazer esta ou aquela viagem. Eu andava a trabalhar afanosamente no meu romance e quando cheguei a meio, depois duma viagem ao Sul com a minha mãe para visitar a minha irmã, preparei-me para partir pela primeira vez em direcção ao oeste. O Neal já tinha partido. O Allen e eu despedimo-nos dele na estação da Greyhound na 34th Street. Lá em cima havia um sítio onde se tiravam fotografias por vinte e cinco centimos. O Allen ficou sem óculos e com um ar sinistro. O Neal tirou uma fotografia de perfil e esboçou um sorriso dengoso. Eu tirei uma de frente que me fez ficar parecido, como disse o Lucien, com um italiano de 30 anos capaz de matar toda a gente que dissesse alguma coisa contra a sua mãe. O Allen e o Neal cortaram esta foto precisamente ao meio com uma lâmina, guardando cada um metade nas carteiras. Vi essas metades mais tarde. O Neal vestia um fato do oeste mesmo a sério para a sua grande viagem de regresso a Denver; terminara aquele seu primeiro caso com Nova Iorque. Digo um caso mas tudo o que fez foi trabalhar que nem um cão em parques de estacionamento, o mais fantástico arrumador do mundo, capaz de meter um carro de marchatrás a quarenta milhas por hora num sítio apertadíssimo e parar resvés à parede, saltar lá de dentro, ziguezaguear rente aos pára-lamas, saltar para outro carro, rodopiar com ele a cinquenta milhas por hora num espaço estreito, mudar de direcção e recuar novamente para um sítio apertado com uma unha negra de cada lado e parar num solavanco de súbito à força de travão de mão; depois largar a correr para as cabinas dos bilhetes como uma vedeta do atletismo, entregar o talão, saltar para um carro recém-chegado antes sequer de o condutor conseguir sair, mergulhar literalmente debaixo dele enquanto acaba de sair, arrancar com o carro a bater com a porta e acelerar desenfreado para o próximo lugar livre: e a tra-